

RELAÇÕES CULTURAIS NOS REINOS GREGOS DA BÁCTRIA E DA ÍNDIA ENTRE OS SÉCULOS III-I AEC

JOÃO GOMES BRAATZ¹; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – joao.braatz@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – carol.kesser@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos compreender o contexto de relações culturais nas regiões da Bactria e da Índia, entre gregos e povos da região. Nosso recorte temporal se dá a partir da independência da Bactria em relação ao império Selêucida, em meados de 245 AEC, por meio de Diódoto I, o primeiro rei greco-bactriano. Deu-se início, assim, a um período de mais de um século de dinastias e confrontos pelo poder desta região, até o reino ser extinto devido principalmente às invasões de povos nômades da Ásia central, como os Citas. Anterior ao fim do reino, graças às campanhas de expansão no Noroeste da Índia, outro reino foi constituído nas regiões dominadas, conhecido como reino indo-grego. Neste reino, que só teria seu fim no início da Era Comum devido às invasões Indo-Pártas, é possível perceber vestígios de interações culturais entre os greco-bactrianos e os povos das regiões ocupadas na Índia. Refletindo a respeito das fronteiras e identidades étnicas nestes espaços, adotaremos um método de análise interdisciplinar em meio as fontes materiais e literárias disponíveis, que serão melhor abordadas em “metodologia”.

Considerando as discussões teóricas a respeito do conceito de etnicidade para abordarmos este espaço, buscamos refletir a respeito de como se deram os contatos culturais nessa região. Incluímos ainda em nossa análise uma necessária problematização dos conceitos de “aculturação” e “helenização” como definidores das relações culturais nesse contexto. Dessa forma, o presente trabalho procura vir a contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento dessa área, e enriquecer as abordagens acerca dos contatos culturais e identidades étnicas no Mundo Antigo.

2. METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos se define conforme a fonte que estamos lidando. No caso das fontes escritas, realizaremos uma análise do conteúdo das obras de autores seguidamente utilizados nos estudos clássicos, como Diodoro Sículo, o geógrafo Estrabão, o historiador Heródoto, e o historiador e biógrafo Plutarco, além de autores romanos como Plínio, o velho, e Justino¹. Também consideramos fontes indianas, como o *Yuga Purana*, um texto pertencente ao gênero dos *Puranas*², que faz referência à extensão greco-bactriana na Índia. Outra fonte de grande importância para este estudo é a obra “Milinda Pañā”³,

¹ Nota-se que em nossas fontes se encontram alguns autores que escrevem suas obras tardiamente em relação ao período a que pretendemos abordar, como os romanos Plínio, o velho, e Justino. Apesar desta análise requerer uma necessária cautela, esta atitude se faz necessária e justificável pelas observações e indicações destes autores sobre as regiões da Bactria e da Índia.

² Segundo RENO (1964, p. 121-122): os *Puranas* são “textos versificados, cada qual, via de regra, dedicado a uma descrição das características e feitos de alguma grande divindade e a uma afirmação dos elementos de seu culto relacionado e as peregrinações ligadas ao mesmo. (...) Os *Puranas* se originam no início de nossa era.”

³ Obra datada aproximadamente de 100 AEC. A versão completa do texto em inglês pode ser acessada em: <<http://www.sacred-texts.com/bud/milinda.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

também conhecida como “The questions of King Milinda” (o rei Menandro I, no idioma Pali, é conhecido como “Milinda”), conformando nossa principal fonte escrita para estudarmos a relação do rei Menandro I com o budismo.

No caso das fontes materiais, consideramos que a abordagem da cultura material não deve ter como único intuito e fim corroborar as fontes textuais, como apontado por MENESES em *Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas* (1983), ela “constitui um código próprio, a ser descriptado segundo sua natureza e não por redução aos códigos verbais” (MENESES, 1983, p. 117). Dessa maneira, pretendemos em nossa análise proceder de maneira congruente às metodologias de análise material das moedas do período, que inclui, além de uma análise iconográfica do anverso e do reverso do material, aspectos como as legendas e inscrições, a abrangência de sua distribuição e o seu valor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho se encontra ainda em desenvolvimento, no primeiro ano do período de mestrado. Já foram identificados trechos nas obras que corroboram com a discussão a respeito da contrapartida neste processo de “helenização”, em que podemos observar reis gregos sendo influenciados pela cultura local. Na obra “Milinda Pañā”, por exemplo, podemos observar um diálogo entre o rei Menandro I e um sábio budista chamado “Nagasena” (*Nāgasena*). Neste diálogo, o rei questiona o sábio a respeito de diversos pontos do budismo (o que seria a “alma”, reencarnação, memória). Além disso, o rei também responde alguns questionamentos, que permitem depreender aspectos relevantes a respeito de sua trajetória e do reino. Nota-se pela sua aparição na obra, a proximidade do rei com esta religião. Além disso, é interessante ler um diálogo entre um rei diretamente ligado à guerra⁴ com um sábio do Budismo, cuja doutrina se opõe à violência.

Sobre as evidências materiais, na Figura 1 abaixo demonstramos uma análise que pretendemos aplicar para as demais moedas de nosso estudo.



Figura 1. Dracma de prata (padrão indiano) período de Menandro I (160-130 AEC).

À esquerda da imagem, no anverso da moeda, é possível observar uma efígie do rei Menandro I, portando uma lança (o que simboliza sua contínua

⁴ Estrabão coloca Menandro I como principal responsável pela expansão da região, até mesmo afirmando que subjugou mais povos que Alexandre na Índia: “Los griegos que la sublevaron se hicieron tan poderosos gracias a la fertilidad de su tierra que, según afirma Apolodoro de Artémida, dominaron la Ariane y la India, y subyugaron más pueblos que Alejandro, especialmente Menandro” (Livro XI, p. 142)

associação como um rei com grandes habilidades em batalha). A inscrição, em grego, traz os dizeres: *ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΣΩΤΗΡΟΣ ΜΕΝΑΝΔΡΟΥ* (leia-se: Basileos Soteris Menandrou), e que se traduz: Rei Menandro Salvador. Em seu verso (à direita na imagem), podemos observar a representação da deusa Atena, uma deusa grega relacionada com a sabedoria e estratégia militar. Nota-se que a deusa porta em sua mão esquerda um égide (escudo), e em sua mão direita está prestes a arremessar um raio, em uma postura de combate. As inscrições encontram-se em Karosthi (Caroste, uma espécie de dialeto hindu da Ásia Central), em que consta: *Maharajasa tratarasa Menamdrasa*, com a mesma tradução do grego: Rei Menandro Salvador. Diversas informações podem ser apontadas a partir desta evidência material: como já antecipado, os elementos guerreiros são presentes tanto na representação do rei quanto na sua associação com a divindade. A legenda, o descrevendo como “salvador”, muito provavelmente faz referência à expansão que Menandro I realizou a partir do reino constituído na região da Bactria para a Índia, o que garantiu mais um período de influência grega na Ásia. Por fim, a característica de trazer na moeda a mesma inscrição em dois diferentes idiomas (Grego e Karosthi), o que demonstra a convivência entre diferentes culturas no reino.

A partir destas fontes, pretendemos compreender o processo de “helenização” desta região, problematizando este termo como um modelo de visão unidirecional do grupo dominante neste contexto de relações culturais, o que não se confirma em nossas evidências.

4. CONCLUSÕES

Para compreender a inovação desta pesquisa, é necessário nos atentarmos para as abordagens realizadas nos estudos que tratam a respeito da influência grega na região da Bactria e na Índia. No século XX, dois livros publicados se tornaram marcos nas pesquisas sobre a história do Helenismo nessas regiões, *The Greeks in Bactria and India* (1951), de TARN, e *The Indo-Greeks* (1957), de NARAIN. Ambas as obras focam especialmente nas genealogias dinásticas, a partir de fontes escritas, numismáticas e outras evidências disponíveis na época. Cada uma delas é, apesar de ainda relevantes para a área, um produto de seu próprio tempo e meio histórico, com todas as implicações que essas questões remetem. Tarn desenvolveu uma obra extremamente minuciosa com as fontes fragmentárias que utilizou, porém adota em seu estudo uma perspectiva eurocêntrica da história da Bactria e da Índia, comum a diversos estudiosos europeus no período. Além disso, é preciso observar que uma comprovação da existência das cidades gregas na região bactro-gadhariana só iria ocorrer décadas mais tarde⁵. No entanto, NARAIN, como um indiano, adotou uma perspectiva que reivindicava a história desses territórios ao corpo histórico de seu país, e colocou os gregos como “dominados”. O antagonismo e as motivações de cada um dos lados resultou em uma cisão que acabou por prejudicar os estudos sobre a região.

Como podemos perceber nestas abordagens, ao invés de considerarem ambas as influências partes como inerentes da história dos contatos culturais nas regiões da Bactria e da Índia, os acadêmicos preferiram permanecer divididos. É

⁵ Durante o início dos estudos sobre a região bactro-gandhariana, os pesquisadores não tinham conhecimento da existência de colônias gregas e da presença concreta do Helenismo nesse território, chegando a considerar a possibilidade da existência de um helenismo bactriano apenas uma *miragem*. Foi somente após a descoberta das ruínas gregas de Ai-Khanum na margem afegã do rio Oxus, em 1964, que essa teoria foi efetivamente comprovada. (ALDROVANDI, 2009, p. 44).

necessário evidenciar que no estudo que propomos, pretendemos abordar uma história que não se restringe a narrativas encapsuladas, focalizada em apenas um dos povos que viveram na região. Buscaremos, então, nos inserir nestes debates teóricos sobre fronteiras e identidades étnico-culturais no Mundo Antigo, considerando as contribuições teórico-metodológicas da Arqueologia para possibilitar uma relação entre a cultura material e a documentação histórica, compondo um contexto mais robusto dos contatos culturais na região indo-bactriana do século III ao I AEC.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

DIODORO SÍCULO. **Biblioteca Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2001.
ESTRABÃO. **Geografia**. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
HERÓDOTO. **Historia**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
PLINIO O VELHO. **Historia Natural**. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
THE QUESTIONS OF KING MILINDA. Traduzido por Rhys Davids. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/bud/milinda.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2019.
THE YUGA PURANA. Traduzido por John Mitchiner. Calcuta: The Asiatic Society, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDROVANDI, C. A fronteira oriental do mundo helenístico: as fontes escritas sobre o ambiente construído e a sociedade nas cidades gregas da região bactro-gandhariana. **Revista Archai: As origens do pensamento Ocidental**. 2009. p. 41-51.

FUNARI, P; GRILLO, J. Os conceitos de “Helenização” e de “Romanização” e a construção de uma Antiguidade Clássica. In: NEMI, A; ALMEIDA N.; PINHEIRO, R. (Orgs). **A construção da narrativa histórica**. Campinas: Editora UNICAMP, 2014. p. 205-214.

GUARINELLO, N. Arqueologia e cultura material: um pequeno ensaio. In: BRUNO, M; CERQUEIRA, F; FUNARI, P. (Orgs.). **Arqueologia do Mediterrâneo Antigo: estudos em homenagem a Haiganuch Sarian**. Campo Grande: Life, 2011.

MENESES, U. Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas. **Revista de História**, Vol. 115. 1983, p. 103-117.

NARAIN, A. **The Indo-Greeks**. Oxford: University of Oxford, 1957.

PORTO, V. Numismática e Iconografia: a Judeia-Palestina Romana. **Novas questões sobre a imagem: de objeto de pesquisa à pesquisa do objeto**. São Paulo: Lumen. 2015. p. 165-202.

RENOU, L. **Hinduísmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

TARN, W. **The Greeks in Bactria & India**. Cambridge: Cambridge University Press, 1951.